



VIOLÊNCIA AUTOPROVOCADA EM ADOLESCENTES: UMA REVISÃO DA LITERATURA

BRUNA GOMES ALVES ROCHA; ELISSANDRA DE LIMA GOUVEIA DE MORAES;
LETÍCIA DAMAS LEÃO

RESUMO

A adolescência é um período delicado na vida. Diante do contexto de conflitos na formação de identidade, tendo o sofrimento existencial cercado de sintomas conflituosos. Não obstante, a prática de violência autoprovocada exerce para muitos jovens a função de regulação orgânica. Sendo assim, o presente trabalho teve como objetivo evidenciar quais são os fatores de risco e elencar medidas simples de prevenção articulando profissionais da educação e profissionais da saúde. Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica qualitativa e descritiva. Espera-se que o estudo contribua no sentido de direcionar ações preventivas pelos profissionais de saúde e educação, para que juntos possam identificar e auxiliar no tratamento dessas vítimas.

Palavras-chave: saúde mental; violência autoprovocada; equipe multidisciplinar; vulnerabilidade; adolescência.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é um período delicado na vida. Diante do contexto de conflitos na formação de identidade, tendo o sofrimento existencial cercado de sintomas conflituosos. O adolescente está em uma fase de busca pelo seu lugar na sociedade, sente a necessidade de ser aceito pelas outras pessoas e de se sentir pertencente a comunidade em que vive. Não obstante, prática de violência autoprovocada exerce para muitos jovens a função de regulação orgânica.

Destaca-se que a violência autoprovocada é um grave problema de saúde pública. Podendo manifestar-se de diversas formas e alcançar qualquer indivíduo, independente da raça/cor, condição social, sexo e faixa etária. Nesse sentido, os adolescentes são os mais vulneráveis diante da imaturidade cerebral e da dificuldade na regulação das emoções.

No Brasil, as notificações e internações por lesões autoprovocadas em adolescentes vem crescendo exponencialmente, com 15.702 notificações entre os anos de 2011 e 2014, principalmente nas regiões Sul e Sudeste do país.

Inerente a isso, Leite e Alves (2016) revela que dentre os adolescentes, os do sexo feminino são os grupos de pessoas que mais buscam na autoagressão uma saída para a resolução dos conflitos e de outras violências, alguns fatores externos ao adolescente o deixam ainda mais suscetível a se autoagredir, podemos assim defini-los como fatores de risco, como uma família desestruturada, conflito de identidade, abusos sexuais ou psicológicos, violência doméstica, nível socioeconômico, bullying, ansiedade, depressão, abuso de álcool e outras drogas e etc.

Diante dessas informações, o presente trabalho tem como objetivo evidenciar quais são os fatores de risco e elencar medidas simples de prevenção articulando profissionais da educação e profissionais da saúde.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica qualitativa e descritiva. Esse método tem um papel fundamental para a educação continuada, pois permite aos leitores adquirir e

atualizar o conhecimento sobre uma temática específica em um curto espaço de tempo (ROTHER, 2007). Foram pesquisados vinte artigos científicos indexados em Revistas Eletrônicas Nacionais e Internacionais, BVSI, Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e materiais disponibilizados em plataformas online do Ministério da Saúde. Após realizar a leitura analítica dos resumos, selecionamos seis artigos científicos publicados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da análise epidemiológica ficou evidenciado que o sexo feminino representa a maioria dos casos de autoagressão em adolescentes, fato que pode estar relacionado às situações de abuso sexual, maus tratos, violência física e abandono. A discriminação e a violência são uma realidade compartilhada por meninas e mulheres do mundo todo, e a idade entre 16 e 24 anos é o período de maior risco para sofrer os diversos tipos de violência.

A estigma da menina exemplar criada pela sociedade e a exigência para se encaixar em padrões moralmente aceitos, em muitos casos, faz com que a única solução percebida por elas seja a autodestruição, contribuindo para os elevados números de suicídio entre mulheres jovens. Analisando quais são os meios utilizados para a violência autoprovocada, o envenenamento foi o mais registrado no Brasil, sobretudo no sexo feminino. Esses dados vão ao encontro da literatura, que sinaliza o envenenamento como um meio frequente para a autoagressão em meninas de diversos países.

A violência autoprovocada por força corporal/espantamento foi associada ao sexo masculino, ao local de ocorrência nas ruas e áreas públicas e à raça/cor preta/parda. Ademais, as condições socioeconômicas em que esses adolescentes vivem, e que muitas vezes dificultam o acesso e inserção na sociedade, contribuem para o sofrimento emocional, podendo levar ao comportamento autodestrutivo. Sexualidade, família e escola ou qualquer instituição que se dedique à educação, devem ser pensadas a partir do princípio da “não-exclusão”, ou seja, sistemas que devem interagir entre si por meio de vinculação, união e respeito pelas diferenças (MEIRELLES, 1997 apud ALENCAR, p.161).

4 CONCLUSÃO

Os resultados apresentados evidenciaram que o público mais vulnerável a violência autoprovocada são jovens de 16 a 24 anos. Os motivos são diversos, inclusive por serem um público mais suscetível a abusos, violência psicológica e sexual. As cobranças para se encaixar nos padrões de beleza impostos os como ideal pela sociedade contribuem para aumentar essas estatísticas.

Diante disso, vale ressaltar a importância de debater sobre a violência autoprovocada na infância e adolescência durante a graduação de profissionais da saúde, profissionais da educação e ofertar cursos e treinamentos constantemente nos serviços que prestam assistência à população, como hospitais, unidades de pronto atendimento, escolas, faculdades e na atenção primária a saúde por meio de ações de conscientização sobre saúde mental.

Nota-se a importância da equipe multidisciplinar em saúde trabalhar em conjunto com os profissionais da educação. Nesta fase, o professor consegue ter uma visão sobre o comportamento do aluno, mudanças de humor, rendimento escolar e notar sinais de alerta. Para que assim, a equipe possa articular encaminhando esse jovem para atendimento psicológico/hospitalar a fim de minimizar as consequências futuras desse sofrimento.

Portanto, espera-se que o estudo contribua no sentido de direcionar ações preventivas pelos profissionais de saúde e educação, para que juntos possam identificar e auxiliar no tratamento dessas vítimas.

REFERÊNCIAS

Brito FAM de, Moroskoski M, Shibukawa BMC, Oliveira RR de, Higarashi IH. Violência autoprovocada em adolescentes no Brasil, segundo os meios utilizados. **Cogit. Enferm.** [Internet]. 2024 [acesso em “19 fev 2024”]; 26. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v26i0.76261>.

Leite, F. Á. A., & Alves, M. A. G. (2016). Violência gera violência: fatores de risco para a tentativa de suicídio entre adolescentes. **Rev Med Minas Gerais**, 26(8), 330-335

Sinimbu RB, Mascarenhas MDM, Silva MAM, Carvalho M, Santos MRD, Freitas M. Caracterização das vítimas de violência doméstica, sexual e/ou outras violências no Brasil – 2014. **Saúde Foco**. [Internet]. 2024 [acesso em 19 fev 2024]; 1(1). Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Caracteriza%C3%A7%C3%A3o-das-v%C3%ADtimas-de-viol%C3%A2ncia-dom%C3%A9stica%2CMascarenhas-Sinimbu/70b3ad707000556ad9a4d2700e136ffd090cb6f3>

Salomão MPS, Barzaghi NA. Suicídio feminino: em que medida a desigualdade de gênero influenciam esta auto-agressão? **Rev UNINGÁ**. [Internet]. 2024 [acesso em 19 fev 2024]; 56(1). Disponível em: <http://revista.uninga.br/index.php/uninga/article/view/113>.

Garisch JA, Wilson MS. Prevalence, correlates, and prospective predictors of non-suicidal self-injury among New Zealand adolescents: cross-sectional and longitudinal survey data. **Child Adolesc Psychiatry Ment Health**. [Internet]. 2015 [acesso em 19 fev 2024]; 9(28). Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26157484/>.